

Em “Gestos”, Vilém Flusser faz ciência como quem conta uma história

Luiza Rosa

Há algo de ficcional no modo como o filósofo e ensaísta tcheco Vilém Flusser (Praga, 1920-1991) descreve e levanta problemas, hipóteses, observações e digressões pela história do pensamento ocidental, sempre de maneira a combinar domínio sobre gramática e ferramental clássicos das ciências humanas e sociais, com perguntas germinadas em terreno do ordinário. Soa como se investigasse como quem conta uma história. Dessa maneira, anula qualquer possibilidade de transmitir conhecimento com arrogância ou desdém.

“Gesten: Versuch einer Phänomenologie” foi publicado na Alemanha, pela editora Bollmann, em 1991, seu último livro editado em vida. A versão em português, “Gestos”, escrita pelo próprio autor – que escrevia e reescrevia seus trabalhos em alemão, português, inglês e francês, nesta ordem, não escrevia em sua língua materna por considerá-la doce demais – foi publicada em 2014, em São Paulo, pela editora Annablume, prefaciada por Gustavo Bernardo, pesquisador e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mesmo prefaciador de “Fenomenologia do brasileiro”, também de Flusser, publicado no Brasil, em 1998.

O livro compõe-se de uma introdução, intitulada “Esboço para uma introdução a uma Teoria Geral dos Gestos”, e sete ensaios, cada qual acerca de um gesto diferente, são eles: 1) o gesto de fumar cachimbo; 2) o gesto de pesquisar; 3) o gesto de pintar; 4) o gesto em vídeo; 5) o gesto de fazer; 6) o gesto de escrever; 7) o gesto destrutivo.

O objetivo do livro é nada menos do que propor uma Teoria Geral dos Gestos, que não seria uma interface da Teoria da Comunicação, senão o contrário, a Teoria da

Comunicação uma interface da Teoria Geral dos Gestos, já que comunicar é apenas um dos aspectos dessa unidade analítica. Flusser justifica a necessidade de se fundar tal teoria geral em decorrência de, entre outros aspectos, da “Necessidade de reestruturar as universidades e demais instituições acadêmicas” e da “Necessidade de encontrar um lugar ‘orgânico’ para a teoria da comunicação em tais estruturas novas.” (FLUSSER, 2014: 14).

A competência de uma teoria geral dos gestos seria o estudo das articulações (expressões) da liberdade. Seria teoria “formal”, porque seu campo seria não a liberdade, mas as expressões da liberdade. Seria, pois, uma teoria da expressão, uma semiologia. (...) A contradição dialética entre dados objetivos e interpretações (decodificações) seria o campo da teoria proposta, por ser o gesto fenômeno que ocorre em tal campo. Ponte entre as ciências do “espírito” e as da “natureza”. (IBIDEM: 16)

O que vale a pena observar nos gestos? Tal pergunta ajuda a compreender como o autor circunscreve o entendimento do que é um gesto, em que implica esse entendimento e em que está implicado o ato de observar. Indício dessa reflexão aparece quando afirma que:

Quando pergunto por que fumo cachimbo, não quero conhecer sua causa, mas o motivo do meu gesto. Isto porque ao fumar estou convencido que não sou obrigado a fazê-lo, mas que poderia estar igualmente mastigando chiclete. A diferença entre causa e motivo caracteriza a diferença entre reflexo condicionado e gesto. Embora o gesto esteja, ele também, condicionado, tudo se passa nele como se fosse livre. De maneira que, para que possamos responder à pergunta significativamente, devemos assumir um ponto de partida diferente: aquele no qual decisões são tomadas. (IBIDEM: 32)

Logo na introdução, o autor esboça duas definições de gesto: 1) “gesto é um movimento no qual se articula uma liberdade” (IBIDEM, 16); 2) “gesto é o movimento no qual se articula uma liberdade, afim de se revelar ou de se velar para o outro.” (IBIDEM: 17). Dessa maneira: “O movimento das pálpebras sob luz forte e dos punhos sob dor forte não é gesto, embora se assemelhe fenomenologicamente a gesto.” (IDEM).

Tal definição está em consonância com o que a escritora sul-mato-grossense-gaúcha, Moema Vilela, ensaia em seu “Mãos pensas, olhar oblíquo: o gesto na literatura”:

Se, após tocar a tecla ‘a’ que encerra a palavra ‘tecla’, eu movesse o mindinho esquerdo seis centímetros para cima, essa precisão não serviria de nada, pois o gesto ainda não seria gesto, mas insignificância. Por outro lado, se esticasse essa mão até Marie Curie, a filhote persa em meu colo, e à guisa de carícia e com o consentimento de sua pata quebrada, a fechasse em seu pescoço, isso também não seria gesto, seria gaticídio. Mais que o mero deslocamento do corpo, menos que uma ação: eis a circunscrição do gesto. Intermediário entre o nada e a definição, entre o aquém e o além do sentido. Talvez por isso notá-lo no cotidiano seja infrequente - ainda mais considerando a presença expressiva do gesto em nossa vida, do despertar ao deitar na cama. (VILELA, 2017: 17)

Sob critério fenomenológico, Flusser classifica os gestos em dois tipos: a) gestos nos quais se movimentam partes do corpo humano; b) gestos nos quais se movimentam outros corpos (IDEM). “O que interessa metodologicamente é distinguir entre o gesto do dedo e o da caneta, porque a pesquisa do primeiro envolve os métodos da fisiologia, e a do segundo os da tecnologia.” (IBIDEM: 18).

Sob critério estrutural, os gestos podem ser classificados em dois gêneros: a) lineares; b) circulares. Os lineares podem ser especificados em: 1) “gestos que se dirigem para o outro”, de natureza comunicativa; 2) “gestos que se dirigem contra um material”, de natureza laboral; 3) “gestos sem rumo”, de natureza absurda. Os gestos circulares são os gestos fechados, rituais.

Em cada ensaio, Flusser observa o observar de gestos e desencadeia discussões filosóficas amplas, como quando constata a crise atual do fazer científico ao tratar do gesto de pesquisar, ou quando retoma a antiga, criticável e insistente impressão de que um gesto criador está pautado pela dinâmica *input-output* da teoria dos sistemas que também pauta teorias da comunicação, ao tratar do gesto de pintar, que, em um primeiro momento, alimenta a impressão de que uma ideia na mente do pintor pudesse ser transferida para a tela por meio de um canal.

Quem observa um pintor (...) sente que “algo” invisível participa do processo, por exemplo, a “intenção” do pintor e a “ideia” que o pintor tem do quadro. Tal maneira de ver o fenômeno caracteriza a “mundivisão ocidental”, e leva às conhecidas dificuldades para explicá-lo. A maior entre elas é a da “adequação da ideia à tela”, do “sujeito ao

objeto”, ou não importa como queiramos denominar, o nefasto par dialético que parece estar envolvido no processo. (IBIDEM: 59)

E continua a desenvolver a reflexão despertada por aquilo que se pode ver quando observamos o gesto de pintar, para além da aparente dialética:

O que vemos (...) é que o gesto de pintar é movimento significativo, no sentido de: apontando para algo. Com efeito, é isto que nos impressiona ao observá-lo. Toda fase do gesto, e o gesto como um todo, apontam o quadro a ser pintado. Tal quadro é o sentido do gesto. (...) O significado de toda fase, o abrir do tubo, o traço do pincel, o passo do pé direito, é o quadro a ser pintado. (IBIDEM: 62)

Flusser não escreve com uma mirada microscópica do corpo que se move, caso seria se se despertasse para o gesto em suas implicações cognitivas, metabólicas, neurológicas, esse aspecto do corpo e do estar no mundo que é contínuo, a vida que é mapeável por meio de tecnologias de visualização médica.

Pode-se dizer que o caminho que vai sendo traçado pela escrita de Flusser, que combina linearidade com não-linearidade de construção do pensamento, serpenteia entre o visível e o invisível de um estar com aquilo que se observa e interpreta; não explica. Um observar que quase se esquece que há história da filosofia e um compromisso com ela antes do ato de se observar e de escrever sobre aquilo que foi observado. Tal dinâmica, está em consonância com a escola filosófica na qual se educou filósofo, que é a fenomenologia¹, e com o que ele elabora acerca das dimensões objetivas envolvidas no gesto de pesquisar, que precisam ser reformuladas em meio à virada científica de nos percebermos implicados no que investigamos, em vez de apartados pela clássica dicotomia sujeito-objeto:

¹ Segundo o Compêndio Oxford de Filosofia, a fenomenologia foi um dos movimentos filosóficos mais importantes do século 20. Fundado por Edmund Husserl (1859-1938), foi continuado por diversos seguidores seus como Moritz Geiger, Max Scheler, Oscar Becker, e outros. “A fenomenologia distingue as coisas observáveis em propriedades perceptuais, de um lado, e propriedades abstratas de outro.”. Sustenta que não há apenas uma percepção direta de instâncias da cor branca, por exemplo, diferenciáveis de acordo com o local onde se encontra, mas também um tipo de percepção direta do branco universal. “Essa percepção é chamada de ‘intuição eidética’.”. Por meio dessa percepção, temos acesso ao que os fenomenologistas chamam de ‘essências’.”. (HONDERICH, 2005: 695-697) (tradução minha)

(...) O tempo deixa de ser fluxo que vem do passado, passa por ponto imaginário chamado ‘presente’ e se dirige rumo ao futuro. O espaço deixa de ser estrutura tridimensional vazia, cujo centro é arbitrário e cujos eixos apontam o infinito. O espaço-tempo passa a ser um único suporte. Nele os problemas se aproximam de todos os lados, vindo do futuro que é horizonte espaço-temporal limitado pelo alcance do interesse. Ao se aproximarem, se concretizam, e tornam-se concretos ao se apresentarem. A realidade é a circunstância concreta presente. E o passado é aspecto do presente: memória disponível ou indisponível (esquecimento). (FLUSSER, 2014: 55)

Quanto à mudança que vive o gesto de pesquisar, o autor diz:

A mutação no gesto da pesquisa é recente e ainda não prevaleceu em toda parte. Mas já é possível observar-lhe a estrutura nascente. O pesquisador se assume em circunstância composta de problemas vitais que se precipitam sobre ele, e em direção dos quais ele próprio se projeta (essas duas afirmativas são idênticas, já que precipitar-se e projetar-se significam a mesma dinâmica do “estar-no-mundo”). Os problemas são tanto mais vitais, “interessantes”, quanto mais são próximos, e a proximidade é, pois, a medida do interesse, isto é: do mundo no qual o pesquisador se encontra. Assim a “proxémica”, a proximidade enquanto medida, forma *mathesis* pesquisa. Isto implica em reformulação do conceito da “teoria”. Ela deixa de ser conjunto coerente de hipóteses (e contemplação de formas, que é o significado grego da teoria), para passar a ser estratégia de vida. (IBIDEM: 54)

Para Abraham Moles, filósofo e engenheiro francês, “o que Flusser fazia era uma espécie de ficção filosófica que se apoia tanto na metáfora quanto na ironia”, é o que informa trecho do prefácio da presente edição, que completa dizendo que a “ficção filosófica flusseriana se mostra capaz de abrir uma brecha pela qual se comunicam a vida e a filosofia.” (IBIDEM: 8).

“Gestos” é gesto de fazer ciência com liberdade.

Sobre o autor:

Vilém Flusser nasceu em 12 de maio de 1920, em Praga, Checoslováquia mesma cidade onde morreu em acidente de trânsito, em 1991. Iniciou seus estudos na Karls-Universität, em 1939, mas não seguiu o curso até o fim, em decorrência de fuga para a Inglaterra, depois de seu país ser invadido pelo exército alemão. Perdeu toda a sua família na Guerra. Em 1940, migrou para o Brasil e aqui viveu, com sua esposa e três filhos, por 31 anos, até 1972, ano em que se mudou para a França, onde lecionou na Ecole d'Art d'Aix-en-Provence. Aqui, lecionou na Faculdade de Filosofia, da Universidade de São Paulo, e no departamento de Humanidades do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em São José dos Campos. Foi colaborador do jornal O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, escrevendo sobre filosofia da linguagem.

Luiza Rosa é doutoranda em comunicação e semiótica pela PUC-SP.

luiza.almeida.rosa@gmail.com

ROSA, L. Em "Gestos", Vilém Flusser faz ciência como quem conta uma história . Algazarra (São Paulo, Online), n. 5, p. 215-221, nov. 2017.

Referências

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do Brasileiro**. Rio de Janeiro: UDERJ, 1998.

HONDERICH, Ted. **The Oxford Companion to Philosophy**. Great Britain: Oxford University Press, 2005.

VILELA, Moema. 2017 **Menor enorme: ensaios sobre o pequeno na literatura**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, tese (doutorado), PUC-SR, 2017.